

O POMERANO: UMA LÍNGUA BAIXO-SAXÔNICA¹

Ismael Tressmann
Faculdade da Região Serrana²

RESUMO

O presente estudo aponta que o Pomerano é uma língua baixo-saxônica, isto é, uma língua saxônica das terras baixas da região do Mar Báltico. Também integram o grupo das línguas baixo-saxônicas o Vestfaliano, o Platt Menonita, o Saxônio, o Neerlandês, entre outras. O Inglês e o Escocês são, por sua vez, línguas anglo-saxônicas, também aparentadas com o Pomerano. Já o Alemão pertence a um outro grupo de línguas; descende do Alto-Alemão (das regiões altas, montanhosas da Alemanha e da Suíça). As variedades linguísticas do Pomerano que mais se firmaram no Espírito Santo foram as provenientes da Pomerânia Oriental, trazidas pelos imigrantes procedentes daquela região a partir da segunda metade do século 19.

PALAVRAS-CHAVE

Línguas de imigração, Baixo-Saxão, bilinguismo, linguística histórica

1 – Apresentação

Este artigo pretende rever alguns trabalhos sobre a classificação genética da língua pomerana. Visa apresentar aspectos relevantes via de regra não considerados nas pesquisas voltadas aos estudos das línguas baixo-saxônicas, denominadas, imprecisamente, de baixo-alemãs (“Baixo-Alemão”). O termo “Baixo-Alemão” (em Alemão *Niederdeutsch*, *Plattdeutsch*), embora muito popular na Alemanha, inclusive entre os círculos de estudos, sugere que as línguas nativas das planícies da Europa Central proviriam do Alemão, ou seriam suas variedades dialetais. Neste sentido, postulamos que o termo Baixo-Saxão (Inglês: *Low Saxon*) é o mais acertado para identificar a subfamília linguística à qual pertence o Pomerano e as demais línguas das terras baixas da Europa Central. Em tese, as línguas baixo-saxônicas bem como as anglo-saxônicas descendem do Saxão antigo, e o seu surgimento se deu de forma

independente das línguas chamadas alto-alemãs, nascidas nas regiões altas das atuais Alemanha e Suíça.

Para a fundamentação teórica desta pesquisa, buscou-se alicerce nos estudos recentes da Linguística Histórica e da Etnolinguística.

2 - Sobre os pomeranos

2.1 - A antiga Pomerânia

A antiga Pomerânia³ situava-se nas costas do mar Báltico, entre as atuais Alemanha e Polônia e os países escandinavos. Na época em que os primeiros pomeranos imigraram para o Brasil, no final da década de 1850, a Pomerânia era uma Província da Prússia. A Província Prussiana da Pomerânia surgiu em 1817. Mais tarde, em 1871, com a união dos estados alemães, ela passa a fazer parte do Império alemão.

Até 1945 a Pomerânia estava dividida entre Pomerânia Ocidental ou Anterior e Pomerânia Oriental. Stettin, a capital, separava o leste do oeste. Contava com uma superfície de 38.409km², área inferior ao Estado do Espírito Santo. A topografia compreende campos, prados e ondulações. Com a derrota da Alemanha na II Guerra Mundial (1945), a Pomerânia Oriental é anexada à Polônia e a Pomerânia Ocidental passa a integrar o atual Estado de Mecklenburgo-Pomerânia Ocidental, Alemanha. Expulsa pelo Exército Vermelho, a população teve de deixar, às pressas, a sua terra natal e a grande maioria fixou residência, parte na Alemanha Ocidental e parte na Oriental. A partir daquele ano, a Pomerânia como tal desaparece do mapa da Europa.

2. 2 - O povo pomerano

Os primeiros imigrantes pomeranos chegaram ao Espírito Santo em 28 de junho de 1859, época anterior ao processo de unificação da Alemanha do século 19. As maiores levas, provenientes, em sua maioria, porém, da Pomerânia Oriental, chegaram no início dos anos de 1870, época em que a imigração também cessou. A grande maioria dos pomeranos, todavia, imigrou da Europa para os Estados Unidos e para Austrália. Estima-se que a população

pomerana no Espírito Santo gire atualmente em torno de 120 mil e, em termos de Brasil, talvez, ultrapasse 300 mil indivíduos (cf. Tressmann: 1998).

Os pomeranos são um povo camponês. Embora o Espírito Santo não receba mais imigrantes germânicos desde a década de 1870, eles mantiveram o uso da língua, as suas festas comunais com seus rituais e danças, além dos seus costumes culturais e maritais, os atos mágicos que acompanham os ritos de passagem como confirmação (crisma), casamento e morte e a continuidade da narrativa fantástica da tradição oral camponesa.

3 - Sobre a língua pomerana

A língua pomerana é falada no Brasil pelos descendentes de pomeranos em comunidades no Espírito Santo, Minas Gerais, Rondônia, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A maioria dos falantes é bilíngue em Pomerano e Português. Na Alemanha, o Pomerano é praticamente desconhecido (cf. Granzow, 1975), sendo falado somente no Brasil e nos Estados Unidos.

Na primeira metade do século 12, com a chegada de colonizadores germanos provenientes do Norte da atual Alemanha, o quadro linguístico da Pomerânia começa a se modificar. A própria nobreza pomerana tinha interesses em atrair colonos, artesãos e comerciantes germanos. Com a promessa feita pelos duques pomeranos de possuírem feudos, os nobres germânicos levam consigo colonos provenientes da Baixa Saxônia, Vestfália e Renânia. Esses grupos levam junto suas respectivas variedades linguísticas, que pertencem à subfamília Baixo-Saxão, da família linguística Germânica. Aos poucos, as línguas eslavas Wendes e Cassúbio⁴ vão sendo cada vez menos faladas, dando lugar ao Pomerano. Alguns grupos, porém, resistem à colonização e à presença da língua baixo-saxônica, como o dos cassúbios.

A partir do ano 1400, o *Pomerisch* ou Pomerano, formado a partir de línguas pertencentes à subfamília Baixo-Saxão, se solidifica e passa a ser língua corrente na Pomerânia. Esta é a língua que mais tarde foi levada para o Brasil, especialmente o Pomerano oriental. A entrada do Alemão na Pomerânia se dá mais tarde, a partir de 1530, com a Reforma luterana. O Alemão será aprendido na escola e utilizado no âmbito escolar e religioso (cultos e ensino

confirmatório) e repartições públicas. A língua falada espontaneamente na esfera informal, na família e entre os vizinhos, no entanto, continuou sendo o Pomerano.

É possível demonstrar a classificação genética do Pomerano mediante estudos da história dessa língua. Iniciaremos tecendo considerações acerca das famílias linguísticas.

4 - As famílias linguísticas

As línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético. Uma família linguística, de acordo com esse critério, é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que tem uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, que sofreram mutações no decorrer do tempo, de uma língua anterior, mais antiga.

O conhecimento destas línguas é obtido mediante estudos históricos-comparativos. Esses estudos partem da descoberta de correspondências regulares de sons, de palavras e de formas gramaticais entre duas ou mais línguas e formulam hipóteses sobre as propriedades que devia ter uma língua ancestral para permitir e explicar a derivação diferenciada das línguas atuais. Na medida em que reconhecem origem comum para um conjunto de línguas, os especialistas constituem uma família linguística. Deste modo, na Europa, as línguas românicas ou neo-latinas - Português, Espanhol, Catalão, Italiano, Francês, Romanche, Romeno - constituem uma família, cujos membros derivam de uma língua ancestral ou proto-língua bem conhecida e estudada - o Latim. Na maioria das vezes, porém, há pouca documentação por escrito das línguas ancestrais.

De forma análoga, a família Germânica⁵ é um conjunto de línguas que se reconhece descenderem de uma língua anterior, e pouco documentada historicamente. Vejamos, no quadro comparativo (1) abaixo, como se correspondem nessas línguas as palavras para alguns conceitos:

Quadro comparativo (1) entre línguas germânicas

POME- RANO	Saxão antigo	Anglo- Saxão	Neerlandê s	Sueco	Escocês	Inglês	Alto- Alemão antigo	Alemão	(Tradução) Português
land	land	land	land	land	land	land	lant	Land	<i>terra</i>
blind	blind	blind	blind	blind	blind	blind	blint	blind	<i>cego</i>
huus	hus	hus	huis, huus	hus	hoose	house	hus	Haus	<i>casa</i>
muus	mus	mus	muis, muus	mus	moose	mouse	mus	Maus	<i>camun- dongo</i>
ijs	is	is	ijs	is	ice	ice	is	Eis	<i>gelo</i>
ik	ik	ic	ik	jag	A	I	ih, ihha	ich	<i>eu</i>
week	-	wicu	week	veck	week	week	wohha, wehha	Woche	<i>semana</i>
dans	-	-	dans	dans	dance	dance	tanz	Tanz	<i>dança</i>
helpe	-	helpan	helpen	hjalpa	help	help	helfan	helfen	<i>ajudar</i>
bijte	-	bitan	bijten	bita	bite	bite	bizzan	beissen	<i>morder</i>
wâter	watar	woete r	water	vatten	watter	water	wazzar	Wasser	<i>água</i>
tung	tunga	tunge	tong	tunga	tongue	tongue	zunga	Zunge	<i>língua</i>
twai	twene	twain	twee	tva	twae	two	zwene, zwo, zwei	zwei	<i>dois</i>
fâter	fadar	foeder	vader	far	vather	father	fater	Vater	<i>pai</i>

Observe-se que as línguas acima tratadas revelam parentesco sistemático. As correspondências regulares destas línguas são tantas e tais, que sugerem a hipótese de que elas tenham a mesma origem, como formas alteradas de uma língua comum. Em outras palavras, são línguas geneticamente relacionadas. Todas essas línguas descendem, hipoteticamente, do Germânico, uma língua hoje extinta. Por sua vez, as línguas germânicas, juntamente com as românicas ou neo-latinas, as eslavas e várias outras línguas da Europa, pertencem ao Tronco linguístico Indo-Europeu. Dentro de cada família linguística temos ainda ramificações, as chamadas subfamílias.

O quadro aponta, que o Pomerano, o Neerlandês, o Escocês e o Inglês, por exemplo, descendem de uma língua em comum: o Saxão antigo, que deu origem a várias subfamílias linguísticas. O Pomerano, especificamente, é uma língua baixo-saxônica, isto é, uma língua saxônica das terras baixas da região do Mar Báltico, Europa. Já o Inglês é uma língua anglo-saxônica, derivada do Saxão antigo e do Anglo, por isso aparentado também com o Pomerano. O Alemão, no entanto, pertence a um outro grupo de línguas; descende do Alto-Alemão antigo (das regiões altas, montanhosas da Alemanha e da Suíça), que se originou do Gótico.

Assim, constatamos que o Pomerano não descende do Alemão. O Alemão é *uma* entre várias outras línguas germânicas e as línguas da própria Alemanha. Ali existem cerca de 30 línguas nativas diferentes e, em sua grande maioria, ininteligíveis entre si. (cf. Grimes, 1984). Este fenômeno é antigo e na época da estandarização do Alemão-padrão, no século 16, possivelmente a variedade linguística naquele país fosse maior. Trata-se de um grande equívoco pensar que naquele país existe e se fala apenas uma língua, e que as demais são formas deturpadas, incompletas, agramaticais desta variedade prestigiada, que é o Alemão oficial. Desta maneira, o termo pomerano e recorrente em outras línguas *huus* ('casa') não se origina de *Haus*, e tampouco *ijs* ('gelo') vem de *Eis*. Do mesmo modo, *twai* ('dois') não provém de *zwei*, e nem *week* ('semana') origina-se de *Woche*. O quadro comparativo sugere, entre outras coisas, que o Pomerano é uma língua autônoma.

4.1 - O Germânico Ocidental

A família linguística germânica compreende três grupos principais, a saber: Germânico Nórdico, Germânico Oriental e Germânico Ocidental. Línguas do Germânico Nórdico são, por um lado, o Norueguês e o Islandês e, por outro, o Sueco e o Dinamarquês. O Gótico, língua não mais falada, é o principal representante do Germânico Oriental. Os conjuntos de línguas que integram o Germânico Ocidental encontram-se divididos em quatro grupos, ou seja: Anglo-Saxão (Kêntico, Saxão e Anglo. O Inglês antigo formou-se a partir dessas duas últimas línguas); Frísio antigo; Baixo-Saxão antigo (Baixo-Francônio antigo, Baixo-Saxão antigo); e finalmente, o Alto-Alemão antigo (Médio-Alemão e Alto-Alemão). Nós nos ocuparemos, aqui, com os dois últimos blocos, que tratam do Alto-Alemão, o Médio-Alemão e o Baixo-Saxão, como visualiza o quadro abaixo.

Os termos alto, médio e baixo designam a região onde cada um destes conjuntos de línguas são falados. Assim temos: (i) O *Alto-Alemão*, falado na região mais alta e montanhosa da Alemanha, ao Sul, está representado pelo Alemão padrão (língua oficial da Alemanha, Áustria e parte da Suíça), Alamânico, Suábico, Franco-renano meridional e o Francônio oriental e o Bávaro; (ii) o *Médio-Alemão*, falado mais ao centro da atual Alemanha, está

representado pelo Hunsrückisch (das elevações do Hunsrück), Moselfränkisch e Pfälzisch; e o (iii) *Baixo-Saxão*, falado ao Norte, numa região de topografia mais plana, baixa. Na Holanda, as variedades do Baixo-Saxão, denominadas genericamente de *Nedersaksisch*, são faladas nas seguintes províncias/regiões: Deventer, Drenthe, Enschede, Groningen, Oldeberkoop, Overijssel, Salland, Steenwijk, Stellingwerven, Ter Idzard, Twente e Wolvega.

4.2 - A segunda mutação consonantal do Alto-Alemão

A partir de 550 d.C se inicia um processo que, longe de aproximar as várias línguas germânicas dos grupos compreendidos entre os Alpes e o mar do Norte, os distanciou mais. A divisão do Germânico Ocidental nas áreas linguísticas genéricas Alto-Alemão e Baixo-Saxão está baseada principalmente na assim chamada segunda mutação consonantal do Alto-Alemão (*Lautverschiebung*), ocorrida nos séculos 8 e 9. Esta mutação foi diferente da primeira, que fez com que as línguas germânicas se destacassem como grupo do restante das línguas Indo-européias. A mutação consistiu basicamente na passagem, em determinados contextos, das três consoantes oclusivas germânicas *p, t, k* a africadas *pf, ts, kx* e fricativas *f/ff, s/ss, x*.

Esse processo teve início nas cidades do Sul, onde é falado o Alto-Alemão, e se expandiu para o Norte sem, porém, alcançá-lo. Os falares do Médio-Alemão foram apenas parcialmente atingidos pela mutação consonantal, enquanto que o Norte não recebeu influência da mesma. Em consequência disso, podemos constatar certo grau de uniformidade entre os léxicos, por exemplo, do Pomerano e o Neerlandês, e entre essas línguas e o Saxão antigo (e o Anglo-Saxão).

A mutação consonantal pode ser visualizada no quadro (3) abaixo:

Quadro (2)

	Saxão antigo	Alto-Alemão antigo	Alemão	Neerlandês	POMERANO	Sueco	Inglês	(Tradução) Português
p ⇒ ff, pf	diop opan oeppel	tiof offan apfel	tief offen Apfel	diep open; op appel	daip up apel	djup öppen; upp	deep open; up	(pro)fun- do aberto

						äpple	apple	<i>maçã; fruta</i>
t, d ⇒ s zz (z, ss, s)	etan lata tid	ezzan lazzan zit	essen lassen Zeit	eten laten tijd	eete låte tijd	äta låta tid	eat let time	<i>comer deixar tempo</i>
k ⇒ kx x (hh, h, ch)	coc bok thack	kochon buoh dah	koche n Buch Dach	koken boek dak	kooke bauk dak	koka bok tak	cook book thatch	<i>cozinhar livro telhado</i>

Note-se que onde encontramos *f* (ou *ff* ou *pf*) e *s* (ou *tz*, *(z)z*, ou *ss*) no Alto-Alemão antigo, nas outras línguas temos, respectivamente, *p* e *t*. Em posição final de palavra, nas outras línguas encontramos *k*, enquanto que no Alto-Alemão antigo esses sons equivalem a *h* ou *ch* [x]. A mutação, todavia, não se deu de uma maneira simplesmente natural, mas, conforme nos sugere Romaine (1994:137), a extensão desta inovação foi determinada por fatores geográficos e sociais. Entre os fatores sociais, foi o prestígio social dos falantes urbanos, os quais usavam as formas novas.

Além da mutação consonantal, com o passar do tempo estas línguas foram se tornando ininteligíveis também devido a outros fatores, como a mutação vocálica, lexical e da própria gramática.

Passemos agora para a subfamília linguística Baixo-Saxão.

4.3 - O Baixo-Saxão

Documentado desde o século 8, o Baixo-Saxão ou Saxão das Terras Baixas formou-se a partir do Saxão antigo (do Norte). Os registros consistem de textos em prosa de vários gêneros (literatura religiosa e profana, com frequência traduzida do Latim). Ademais, encontramos também outros documentos, como provérbios, fórmulas mágicas e benzeduras. Entre 1300 e 1500 ocorre o florescimento da língua conhecida como Baixo-Saxão medieval, da qual surgiram outras línguas. Os textos redigidos naquele período são de caráter literário e comercial.

O termo Baixo-Saxão refere-se às variedades linguísticas faladas ao Norte da atual Alemanha, parte da Holanda e Norte da Bélgica (Vlaanderen, onde é falado o *Vlaans*, Flamengo). Abrange a região do baixo Reno, abaixo da linha de Aachen em direção a Wittenberg. Esta região é caracterizada por campos,

planícies e pequenas ondulações. O adjetivo “baixo” em Baixo-Saxão refere-se, portanto, à região baixa, plana, da Europa onde é falado este conjunto de línguas ⁶. Já a expressão Alto-Alemão reporta-se às terras altas, aos alpes alemães e suíços.

O vocábulo a que nos referimos como Baixo-Saxão ou Saxão das Terras Baixas é largamente conhecido como “Baixo-Alemão” (*Niederdeutsch*, *Plattdeutsch*; *Platdüütsch*), especialmente com referência às suas variedades faladas na Alemanha. No entanto, como atesta Hahn (2002), apesar do fato de o termo gozar de popularidade na Alemanha, inclusive assim é muitas vezes referido na literatura linguística, a expressão “Baixo-Alemão” não pode ser considerada a escolha mais acertada para nomear esta subfamília. Em primeiro lugar, Baixo-Saxão e Alemão descendem de línguas diferentes, respectivamente, Saxão antigo e Alto-Alemão antigo. Além disso, antes de o Baixo-Saxão começar a perder prestígio em relação ao Alemão, muitos de seus falantes ainda se referiam à língua como “Saxão” (*Sassysch*) ou “Baixo-Saxão”/ “Saxão das Terras Baixas” (*Nedersassysch*), até fins do século 19 e início do século 20. A maioria dos alemães, atualmente, reage ao nome “Baixo-Saxão” (*Niedersächsisch*) com desaprovação, especialmente porque tendem a associar o nome com o estado, relativamente novo, da Baixa Saxônia (*Niedersachsen*). Devido a isso, alguns começaram a usar o nome, emprestado do Neerlandês, *Nedersaksisch* no lugar do equivalente alemão (*Niedersächsisch*), especificamente em referência às variedades linguísticas saxônicas dos Países-Baixos.

Até o início do século 16, o Baixo-Saxão era língua franca em toda a costa do mar Báltico (Liga Hanseática), tanto na forma oral como escrita.

4.3.1 - O Baixo-Saxão: língua franca na Europa medieval

Na Europa medieval, o Baixo-Saxão era língua franca em toda a costa do mar Báltico e do mar do Norte, entre os anos 1200 e 1600, e também possuía escrita e todos os direitos de uma língua verdadeira. Na época, o Pomerano era também conhecido por Baixo-Saxão.

No século 13, grupos de comerciantes falantes do Baixo-Saxão iniciaram a criação de uma aliança mercantil 'intermunicipal' conhecida como "Liga Hanseática". Sua atuação centrava-se em cidades portuárias como Lübeck, Hamburgo e Bremen, espalhando-se, mais tarde, para outras cidades costeiras e também no interior, tais como, Groningen, Nijmegen, Zwolle, Deventer, Colônia, Dortmund, Osnabrück, Brunswick, Magdeburgo, Berlin, Wismar, Rostock, Stralsund, Danzig (hoje Gdansk), Königsberg (hoje Kaliningrad), Cracóvia, Riga, Reval, Visby Kalmar e Estocolmo. A Liga chegou a dominar colônias costeiras ao longo do Mar Báltico e a ter escritórios nos Flandres (Brugge, 1347-1563), Londres (1282-1598), Rússia (metade do século 13 a 1494) e Noruega (Bergen, 1360-1754).

O Baixo-Saxão medieval, baseado principalmente na variante de Lübeck, tornou-se a língua hanseática internacional do comércio. Seja de forma direta ou indireta, esta língua influenciou as línguas nativas de várias áreas, particularmente na Escandinávia, línguas bálticas, balto-finlandesas e línguas eslavas. O Alto-Alemão medieval (precursor do Alemão) também foi influenciado, de modo que há um número considerável de palavras no Alemão moderno que foram tomadas de empréstimo do Baixo-Saxão⁷.

Na época, o Baixo-Saxão era reconhecido como uma língua/idioma com todos os direitos; um acontecimento para o fortalecimento da escrita desta língua foi a tradução da Bíblia para o Baixo-Saxão, tarefa levada a cabo por Bugenhagen, colaborador de Lutero. Bugenhagen inclusive terminou a tradução da Bíblia para o Baixo-Saxão meio ano antes que Lutero divulgasse a sua tradução para o Alemão.

Apesar do aumento do comércio e de algumas tentativas posteriores de ressurgir, o poder da Liga Hanseática declinou e acabou no final do século 16/início do século 17. Em consequência, o Baixo-Saxão perdeu terreno no cenário internacional como língua franca, e regionalmente, como língua escrita. A partir de então, as variedades do Baixo-Saxão ali faladas passaram a ser tratadas como "dialetos" locais, próprios de algumas comarcas. Além disso, ao mesmo tempo que a língua alemã - imposta como idioma oficial sobre as demais línguas da Alemanha - começou a se aproximar da Saxônia pelo sul,

iniciando por instituição de ensino superior, escolas e Igreja, espalhando-se por círculos aristocráticos e outros de classe alta.

O Alemão, assim, tornou-se uma língua de prestígio, e a língua nativa dos povos saxônicos logo veio a ser classificada como língua do proletariado (como o Pomerano, o Vestfaliano). Desprezado pela classe dominante, rejeitado pelos que buscavam *status* sociais mais altos, e banido da educação formal, o Baixo-Saxão veio a ser considerado por muitos como uma mera coleção de dialetos inferiores ao idioma alemão.

Encontramos, porém, uma exceção no Neerlandês. Ao se separar, a partir de 1648, do Sacro Império Romano-Germânico, a variedade falada pelos holandeses passou a ter o *status* de língua oficial, e o Baixo-Saxão veio a ser considerado como um grupo pobre de dialetos do Saxão-Neerlandês, no leste daquele país. Este fato atesta a importância do poder político e a soberania das nações-estado em reconhecer uma variedade como língua mais do que um dialeto.

4.4 - A situação da língua pomerana na Europa hoje

A partir da II Guerra Mundial (1938-1945), o Pomerano na Europa tornou-se uma língua moribunda. Grande parte do seu território (oriental) passou a integrar a Polônia, e a população foi viver em áreas alemãs ou emigrou para outros países. No mais, quando a maioria dos refugiados falantes do Alemão se instalou em comunidades anteriormente baixo-saxônicas, a língua alemã, reforçada nas escolas e na mídia, veio a predominar e, assim, erodindo a posição da língua nativa de um dia para o outro. Como resultado dos poucos incentivos do governo à manutenção da língua nativa, muitos pais escolheram não passar a língua pomerana aos seus descendentes, especialmente nas áreas urbanas, onde o Alemão era sinônimo de *status* social e econômico. Além disso, não há mais comunidades de fala de língua pomerana na Europa, fator que colaborou para a sua quase total extinção.

Em 1997, o Baixo-Saxão foi reconhecido oficialmente como “língua regional” no leste dos Países Baixos e, em 1999, no Norte da Alemanha, fator que poderá favorecer a manutenção e o fortalecimento das variedades

linguísticas que compõem esta subfamília. Estima-se que na Alemanha há cerca de 10 milhões de falantes do Baixo-Saxão, e na Holanda o número de proficientes encontra-se entre 1,5 e 2 milhões (cf. Hahn, 2002). Na Alemanha, o Baixo-Saxão é oficialmente reconhecido em 8 estados (*Bundesländer*) da região norte: Schleswig-Holstein, Hamburgo, Baixa Saxônia, Bremen, Renânia do Norte-Vestfália, Meklemburgo-Pomerânia Ocidental, Saxônia-Anhalt e Brandenburgo. É, também, usado numa pequena área da região norte do estado de Hesse.

Salientamos, no entanto, que não consideramos pertinente referir-nos à língua pomerana como *Baixo-Saxão*, pois esse não representa uma língua em si, mas uma subfamília linguística. O Baixo-Saxão abriga várias línguas, a maioria das quais ininteligíveis entre si, faladas por grupos que apresentam também diferenças culturais e, deste modo, identidades próprias⁸. No Brasil, por exemplo, as línguas baixo-saxônicas Pomerano, Vestfaliano e Platt Menonita são incompreensíveis entre si, não podendo ser consideradas uma língua única. Conforme sugere Vandresen (1968), que estudou o Vestfaliano de Santa Catarina, língua pertencente ao Baixo-Saxão,

nos dados que existem sobre língua alemã no Brasil, geralmente se incorre em grave erro: considerar todas as formas de expressão dos descendentes de imigrantes alemães como uma língua só, quando muitas vezes não há sequer intercompreensão entre falantes de 'dialetos' diferentes.

De modo análogo, as línguas que compõem as demais subfamílias germânicas também são ininteligíveis entre si, e seus falantes entendem-se como pertencentes a grupos culturalmente diferenciados. Willems (1946:63) nos relata um episódio muito interessante quanto à dimensão dessa heterogeneidade. Um imigrante hunsrückler, ao ser perguntado se era alemão, respondeu prontamente: "Ora, nós não somos alemães, somos hunsbuckler [hunsrückler]".

No próximo item falarei sobre a entrada do Alemão na Pomerânia, língua que será utilizada principalmente na escola, no âmbito religioso e repartições públicas.

5 - O Alemão: norma imposta sobre a diversidade

Em 1530, a Pomerânia torna-se luterana através de um colaborador de Lutero, Johannes Bugenhagen. A tradução da Bíblia por Lutero para uma das variedades do Alto-Alemão, do qual se originou o Alemão oficial, também chega à Pomerânia. A língua para a qual o Reformador traduziu a Bíblia, no entanto, não foi entendida pelos pomeranos. Os grupos germânicos do Norte, falantes igualmente de línguas do Baixo-Saxão, também tiveram dificuldades em ler a Bíblia no idioma proposto por Lutero. Assim, não só a Bíblia, mas também outros escritos luteranos tiveram que ser traduzidos para o Baixo-Saxão. Aos poucos, no entanto, o Alemão passa a ser ensinado à população pomerana, através da escola, com vistas principalmente à educação religiosa. Na Bíblia e no hinário em Alemão "se lê diariamente e neles treina-se a leitura. O catecismo de Lutero é ensinado pelo pastor. Como só poucos lêem, decoram-se muitos versículos bíblicos e hinos do hinário" (Rölke, 1996: 30).

O impulso decisivo para a criação do Alemão atual é dado pela reforma luterana. O passo fundamental na afirmação da variedade que se tornou padrão sobre os demais dialetos e idiomas foi sua associação à escrita e, conseqüentemente, sua transformação em variedade usada na transmissão de informações de ordem política e cultural. A associação de uma variante à escrita começou num ambiente de poder. Sem dúvida alguma, o uso jurídico e burocrático da variedade linguística utilizada por Lutero foi determinante para fixar uma forma escrita. Em outras palavras, a variedade que passou a ser a língua oficial alemã, escolhida por Lutero, era aquela usada pela nobreza da Saxônia.

Em suas "Conversas à Mesa", Lutero certa vez afirmou: "Não possuo uma língua alemã determinada, própria, mas utilizo-me do Alemão comum, que pode ser compreendido tanto pelos habitantes do norte como do sul da Alemanha. Falo segundo o modelo da chancelaria da Saxônia, seguido por todos os príncipes e reis da Alemanha". (Störig :1987, p. 131). No entanto, os grupos do Norte, como foi argumentado, não entenderam os escritos de Lutero, redigidos em Alemão. Aos poucos, esta variedade padrão impôs-se sobre os idiomas e dialetos até se fixar como variedade alta, legítima e prestigiada.

Certamente, a política de unificação linguística na Alemanha não surgiu apenas para suprir as necessidades técnicas de comunicação entre as diferentes partes do território. Mas, utilizando as palavras de Bourdieu, “não se trata, em suma, apenas de comunicar, mas de fazer reconhecer um novo discurso de autoridade, com seu novo vocabulário político, termos de estilo e referência, metáforas, eufemismos e a representação do mundo social por ele veiculada”. Continuando, o autor conclui o seu pensamento: “Estando vinculado aos novos interesses dos grupos emergentes, esse discurso se revela indizível nos falares locais moldados por usos ligados aos interesses específicos dos grupos camponeses”. (Bourdieu, 1996:34).

O Alemão, então, nada mais foi do que um produto elaborado cuja função foi e ainda continua sendo uma norma imposta sobre a diversidade.

Considerações finais

O estudo histórico-comparativo entre línguas germânicas nos possibilitou identificar o Pomerano como uma língua pertencente à família linguística Germânica (ocidental) e à subfamília Baixo-Saxão (oriental), que por sua vez originou-se do Saxão antigo. Preferimos o termo Baixo-Saxão a “Baixo-Alemão”, especialmente porque o Pomerano e o Alemão descendem de línguas diferentes, respectivamente, Saxão antigo e Alto-Alemão antigo. Além disso, até fins do século 19 e início do século 20, muitos dos falantes do Baixo-Saxão ainda se referiam à língua como como “Saxão” (*Sassysch*) ou “Baixo-Saxão”/ “Saxão das Terras Baixas” (*Nedersassysch*). Ademais, o termo “Baixo-Alemão” encerra conotações nacionalistas, sugerindo uma pretensa relação de superioridade/inferioridade entre a língua oficial alemã e as línguas baixo-saxônicas.

Por outro lado, não tratamos o Baixo-Saxão como uma língua propriamente, mas nos referimos ao mesmo como uma subfamília linguística. O Baixo-Saxão abriga várias línguas, a maioria das quais ininteligíveis entre si, faladas por grupos que apresentam igualmente diferenças culturais e, deste modo, identidades próprias. O Pomerano, o Vestfaliano e o Platt Menonita, por exemplo, são incompreensíveis entre si, não podendo ser considerados,

portanto, uma língua única, ou seja, denominados genericamente de “Baixão-Saxão”, nem tampouco de “Alemão”, ou de “dialetos alemães” ou “línguas alemãs”.

REFERÊNCIAS

- BECKERS, H. *Westmitteldeutsch Lexikon der germanistischen Linguistik*. Tübingen. 1980.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. Edusp. São Paulo. 1996
- GRANZOW, Klaus. *Grün ist das Tal am Rio Itajaí. Pommeranos in Brasilien*. Lübeck. Ed. Eugen Radtke. 1972.
- GRIMES, Barbara F.(Ed.) *Languages of the World*. WBT. Dallas, Texas. 1984.
- HAHN, Reinhard F. *Lowlands Talk: an introduction to the language varieties of the Lowlands*. 2002.
- HAMMERMEISTER, Michael. Pommersche Mundarten. Dialektgebiete Pommers. In: *Die Pommersche Zeitung*. Jahrgang 49. Folge 48/99. Lübeck. 1999.
- RÖLKE, Helmar Reinhard. *Descobrimos Raízes. Aspectos Geográficos, Históricos e Culturais da Pomerânia*. Vitória: UFES. Secretaria de Produção e Difusão Cultural. 1996.
- ROMAINE, Suzanne. *Language in Society*. Oxford University Press. 1994.
- STÖRIG, F. *Abenteuersprachen*. München. 1987.
- TEUCHERT, Hermann. Slawische Lehnwörter in ostdeutschen Mundarten. In: *Zeitschrift f. Mdaforschung* 26, 13-31. 1958.
- TRESSMANN, Ismael. *Bilinguismo no Brasil: O caso da Comunidade Pomerana de Laranja da Terra -ES*. Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (ASSEL-Rio). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1998.
- _____. *Da Sala de Estar à Sala de Baile. Estudo Etnolinguístico de Comunidades Camponesas Pomeranas do Estado do Espírito Santo*. Tese de Doutorado. Museu Nacional e Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro. 2005.
- VANDRESEN, Paulino. *Fonologia do Vestfaliano de Rio Fortuna-SC*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1968.
- WILLEMS, Emilio. *A Aculturação dos Alemães no Brasil: Um Estudo Antropológico dos Imigrantes Alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Porto Alegre. 1946.

NOTAS

¹ O presente artigo é uma versão ligeiramente modificada e resumida do segundo capítulo (seção 2.2) da minha tese de doutorado (2005). Artigo publicado em: *Educação, Cultura, Sociedade*. Revista da Farese (Faculdade da Região Serrana) vol. 1. ISSN 21765251. pp. 10-21. Santa Maria de Jetibá. 2008.

² O autor é Mestre e Doutor em Linguística (Etnolinguística) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É professor da Faculdade da Região Serrana (Farese, Santa Maria de Jetibá-

ES) e assessor do Programa de Educação Escolar Pomerana (Proepo), implementado desde 2005 em cinco municípios capixabas.

³ [Do Wendes *Po morje*, 'terra junto ao mar' + Germânico *-land*, 'terra/país dos pomeranos'.] Latim e Inglês: Pomerania. Alemão: Pommern. Polonês: Pomorze. Stettin atualmente chama-se, em Polonês, *Szczecin*.

⁴ Estudos da influência do Eslavo sobre o Pomerano e outras variedades do Baixo-Saxão encontramos em Teuchert (:1958). Segundo a pesquisa em andamento, constatamos que a influência do Eslavo sobre o léxico do Pomerano falado no Espírito Santo não mais se manteve, a não ser em nomes de famílias. São de origem Wendes, p. ex., os sobrenomes Binow, Burslaff, Piske, Potin e Nitz. O sufixo *-ke*, p. ex., é marcador de diminutivo.

⁵ O termo *germânico* ou *germano(s)* não quer dizer, a princípio, alemão, mas reporta-se a um conjunto de povos que compartilham tradições e línguas em comum.

⁶ A expressão em Pomerano *plat* pode significar tanto "plano", "chato", quanto o nome "chapa de fogão".

Em Alemão, *nieder* significa 'baixo', 'inferior'. Os holandeses autodenominam a sua língua oficial de *Nederlands*, e o país, *Nederland* ('terra/país baixo').

⁷ A título de ilustração, citamos os seguintes termos do Alemão, tomados de empréstimo do Baixo-Saxão: *Spuk* ('fantasma'); *Tonne* ('tonel', 'pipa'); *Kaldaunen* ('bucha'); *Fliedertee* ('sabugueiro'); *Schnauze* ('focinho'; 'nariz'); *Bucht* ('baía'); *quarren* ('rezingar', 'choramingar'); *quatschen* ('dizer asneiras', 'tagarelar')

⁸ A partir de 2007, os municípios do Espírito Santo que integram o Programa de Educação Escolar Pomerana (Proepo) iniciaram o processo de co-oficialização da língua pomerana. Mediante a co-oficialização, o Pomerano terá, ao lado do Português, o *status* de língua reconhecida oficialmente, com todos os direitos de uma língua oficial. Deste modo, será dado espaço e voz à língua pomerana não apenas nas escolas, como também em todos os setores públicos e privados. O poder público incentivará e apoiará o aprendizado e o uso do Pomerano nas escolas e nos meios de comunicação.